REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Alice Borges e Marcelo Saback em

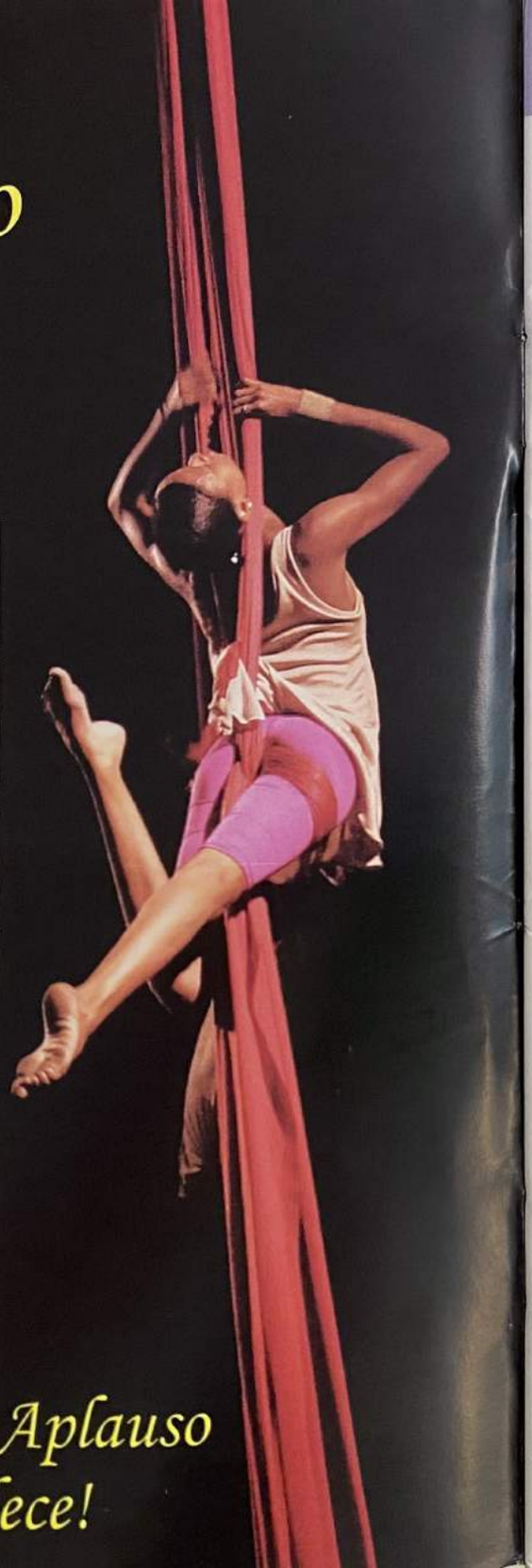
# A gente se ama

Com direção de Flávio Marinho, nove esquetes sobre a sempre tumultuada relação entre marido e mulher

Em Cartaz
Jornal do Teatro
Beth Goulart
Celina Sodré
Débora Duarte
Felipe Wagner
Guilherme Leme
João Fonseca
Luiz Henrique Nogueira
Maria Luísa Mendonça
Paulo César Pinheiro
Tonico Pereira

ANO VIII Nº 79
EXEMPLAR GRATUITO

*Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...*



STAR LIGHTING DIVISION
Lavanderia Flor de Copacabana
GATO PRETO
LOWNOISE AUDIO PROFISSIONAL
DI SANTINNI
achē www.ache.com.br
POLIRON
Jamef ENCOMENDAS URGENTES
Santa Edwiges
CASA PINTO
RAYONTEX FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS
TRAMONTINA
Eternit Qualidade lá em cima.

*O Galpão Aplauso agradece!*



# O desafio

"´Quando eu nasci...´. Assim inicia a minha personagem na peça *Fazer o Quê?*, em cartaz no teatro das Artes. Sou de 15 de julho de ... Ah, deixa pra lá... Nasci na França, no seu melhor dia, e logo fomos forçados a imigrar para o Brasil: eu, minha irmã, a atriz Ida Gomes, juntamente com a minha mãe. Nesta linda terra, estabelecemos nossas vidas e projetamos nosso futuro.

Mas foi só no *Teatro Brasileiro de Comédia*, em São Paulo, que vislumbrei a transformação de minha existência, como ator, produtor, diretor, autor e outras funções que compuseram minha vida artística. Fui homem de múltiplas profissões: secretário em farmácia, manipulador de medicamentos, gerente de loja de ferragens, vidraceiro, ciclista, entregador de roupas e pizzas, tradutor, dublador e, finalmente, ator. Foram incontáveis os prêmios recebidos.

Não consigo lembrar-me de quantas peças participei: algumas, entretanto, ficaram marcadas: *Otelo*, com a *Cia Tonia-Celi-Autran*, onde fiz o lago. *História do Soldado*, de Strawinsky, onde fiz seis personagens. *O preço*, de Arthur Miller, onde fui o Salomon. As comédias de João Bethencourt...

Hoje enfrento talvez o maior desafio da minha vida. *Fazer o que?* é um belo texto de Miriam Halfim, a historia de um estilista em sua melhor fase e na sua total decadência. Desprezado pelo pai, pelo fato de ser homossexual assumido. É uma aventura amena e triste, uma tragicomédia na sua mais alta linhagem teatral, sob uma direção interessantíssima de Moisés Bittencourt.

Seja como for, este é o desafio que resolvi assumir, depois de todos esses anos vivendo delegados, salafrários diversos, machões de todos os tipos. Nunca fiz nada parecido, o presente ideal para comemorar mais de meio século de carreira. Eu me divirto muitíssimo. E espero sinceramente que vocês também."

**Felipe Wagner, novembro de 2006**

## Intercâmbio cultural

Uma das grandes referências da cena teatral contemporânea, o grupo escandinavo *Odin Teatret* aporta no Centro Cultural Banco do Brasil durante todo o mês de novembro. Com uma quilometragem de mais de 40 anos, a tradicional companhia, liderada pelo italiano Eugênio Barba, traz na bagagem cinco espetáculos, sete demonstrações de trabalho, conferências e quatro workshops que dissecam o método de trabalho do diretor e sua antropologia teatral. Anote!

## Teatro com legenda

A dramaturgia européia também marca presença no Teatro Sesc Ginástico, com a chegada do *Teatro Popular de Munique* capitaneado por Christian Stückl. De 16 a 19 de novembro, a trupe apresenta a comédia *Brandner Kaspar e a vida eterna*, sobre um homem que consegue driblar a própria morte. Com 16 atores em cena e mais sete músicos, o espetáculo é todo falado em alemão, com legendas em português.

## Ancestralidade em foco

Depois de rodar o Brasil com o espetáculo *Bakulo – os bem lembrados*, a *Cia. dos Comuns* encerra a turnê 2006 com chave de ouro, com uma única apresentação no Theatro Municipal, celebrando o Dia Nacional da Consciência Negra (20/11). A peça encerra uma trilogia que abordou questões como a ancestralidade, os valores da herança cultural africana e as inquietações da comunidade negra no mundo contemporâneo.

## Novidades Rodrigueanas

Conhecido por suas frases de impacto, Nelson Rodrigues declarou, certa vez, que sempre foi tricolor. "Eu diria que já era Fluminense em vidas passadas, muito antes da presente encarnação". Pois nada melhor do que a sede do time de coração do dramaturgo para receber a montagem de *A Mentira*, texto inédito do *anjo pornográfico*, com estréia prevista para 13 de novembro. À frente da empreitada está o diretor Caco Coelho, um dedicado pesquisador da obra de Nelson.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Paula Kossatz / divulgação



Paulo César Pinheiro

# Finalmente, Besouro...

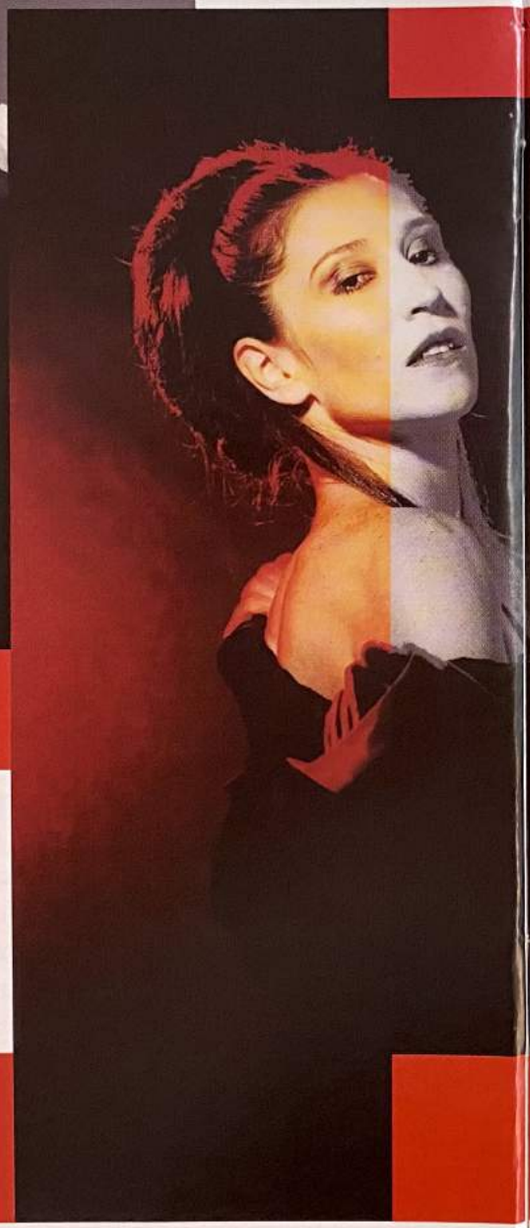
Pinheiro: o compositor volta ao palco, mais de 40 anos depois

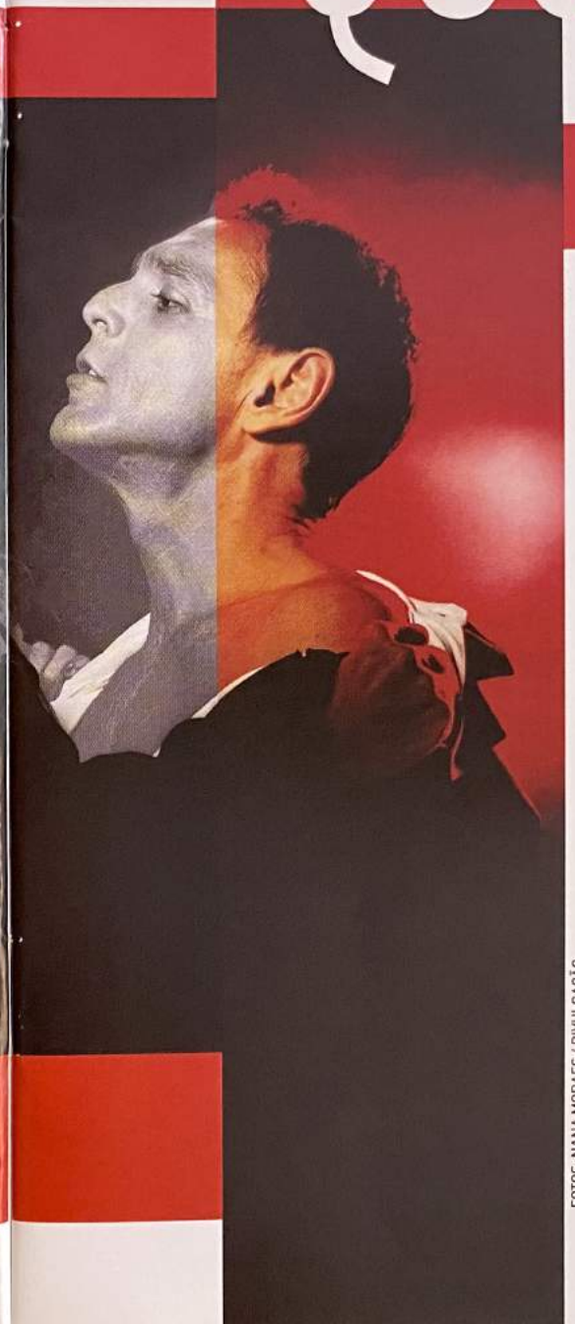
Comecei, junto com música e poesia, escrevendo teatro. Em 1964, fiz uma peça chamada *Carta ao Povo*, um monólogo musical, se é que existe esse gênero na dramaturgia, que foi apresentado no teatro do jornal *Diário de Notícias*, na Rua do Riachuelo. No dia seguinte, foi vetado pela censura e não pudemos fazer a temporada prevista para o Teatro de Arena da Guanabara, no Largo da Carioca. Dediquei-me, desde então, exclusivamente à música. Nunca mais parei para fazer outra peça.

Porém, um tema foi se tornando repetitivo em meus sambas: o personagem Besouro, que eu havia citado na minha primeira música gravada, *Lapinha*, em parceria com Baden Powell. Daí então isso vem me acompanhando todo o tempo. A primeira vez que ouvi falar de Besouro foi no livro *Mar Morto*, de Jorge Amado. Interessei-me pela figura e tudo que me caía às mãos, a respeito desse mito popular da Bahia, eu guardava. Fui juntando histórias. Fui compondo sambas sobre ele. Fui maturando enredos.

Pensei inicialmente em cinema. Depois, mais modestamente, num musical. Contudo, isto requer um tempo de parada em tudo o que faço. No ano passado, finalmente houve a motivação que eu esperava. Fui procurado por uma sobrinha, Júlia Rabello, produtora de musicais, que me perguntou se eu não tinha algo do gênero. Lembrei-me imediatamente do Besouro. Larguei tudo que estava fazendo e pus mãos à obra.

Em pouco tempo aprontei o espetáculo. As músicas eu já tinha. Só fiz uma pequena adaptação para o texto criado, e o *Besouro Cordão de Ouro* – que estréia no dia 12 de dezembro, no CCBB – se tornou realidade. E ainda vou mais adiante: o filme que eu imaginava também não foi esquecido. Talvez a peça seja o impulso inicial para esse novo projeto. Acho que vai dar certo tanto um quanto o outro. E termino este relato batendo na madeira!"





# Quartett

## Ligações perigosas num jogo cênico de tirar o fôlego. Com Beth Goulart e Guilherme Leme

Por Simone Melamed

Existem personagens que desafiam: é decifra-me ou devoro-te. Ou decifra-me e devoro-te. Enquanto tenta solucionar este enigma da esfinge, a atriz Beth Goulart vai se deliciando com a sua mais nova empreitada teatral, que estréia no Oi Futuro, no próximo dia 24: a montagem de *Quartett*, de Heiner Müller, um dos grandes expoentes da dramaturgia alemã. Ao seu lado, dois fiéis companheiros de estrada: o ator Guilherme Leme e o diretor Victor Garcia Peralta, com os quais trabalhou em 2000, na peça *Decadência*, do autor inglês Steven Berkoff.

"Desde *Decadência*, nós tínhamos vontade deste reencontro nos palcos, e chegamos a pensar no *Quartett*, que o Victor já havia dirigido na Argentina, há alguns anos. Mas não era o momento. O Guilherme sempre foi muito fascinado pelos dois personagens, eu também. Tenho uma grande admiração pelo Müller, um autor forte, provocador. Dos contemporâneos, ele é ponta de lança, do nível de um Beckett, um Ionesco, um Nelson Rodrigues", afirma Beth. "O ponto de intersecção entre os dois projetos é que o Berkoff falava das relações no limite, trabalhava com a decadência das pessoas. O Müller trabalha com a profundidade das pessoas".

FOTOS: NANA MORAES / DIVULGAÇÃO

>>

## Releitura explosiva

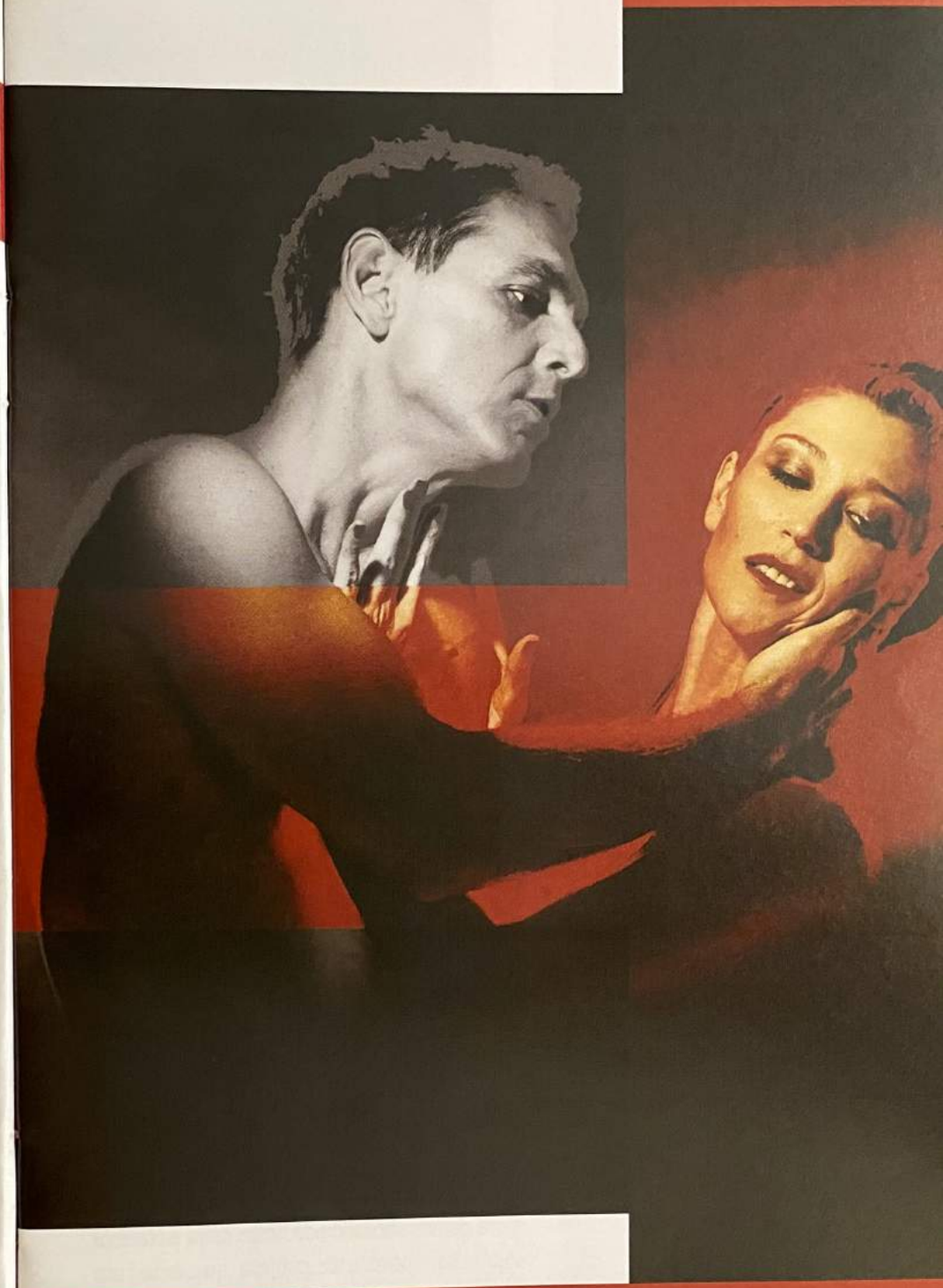
A peça é uma versão contemporânea do famoso romance de Choderlos de Laclos, *As Ligações Perigosas*, de 1782. No centro da ação, o Visconde de Valmont e a Marquesa de Merteuil, dois amantes dissimulados e insaciáveis, que não poupam esforços para triunfar em suas conquistas amorosas, nas quais o troféu, na maioria das vezes, é sinônimo de moças ou rapazes incautos e ingênuos. Munidos de golpes baixos e segundas intenções, para eles vale tudo no jogo da sedução. E a nobreza que ostentam em seus títulos não se aplica a suas ações.

"O Müller trabalha em cima de ícones da literatura. Ele fez assim com Hamlet, em *Hamletmachine*, e com Medéia, na peça *Medea Material*. Ele desenterra essas pessoas e dá voz a elas, faz um exercício de metalinguagem, dá um futuro para elas. Ele pega como se fosse o último casal da humanidade, ao contrário de Adão e Eva. Um casal que se diverte brincando de dominar e manipular as pessoas, num jogo perverso entre eles. É uma relação que propõe a amoralidade. E sem moral não existe ética, nem os valores mais altos do espírito. Só fica a carne e a carne se destrói", analisa Beth.

## Molière para Tônia

**O dramaturgo Heiner Müller chegou por aqui na década de 80, pelas mãos do diretor Gerald Thomas, que dirigiu algumas de suas obras nos Estados Unidos. Em 1986, Sérgio Britto e Tônia Carrero deram voz aos marcantes personagens de "Quartett", o que acabou rendendo o Molière de melhor atriz para ela. Naquela época, Tônia queria mudar o rumo de sua carreira, para investir em textos mais modernos. Depois de conhecer Gerald na off-off Broadway, em Nova York, seus planos se concretizaram. Dez anos depois, o diretor remontou a peça, com Ney Latorraca e Edílson Botelho nos papéis principais.**

"Uma vez, perguntaram ao Müller como ele classificaria o teatro dele, e ele disse que era um teatro de terrorismo. Ele não queria que as pessoas saíssem das peças como entraram. Ele queria questionar, provocar. O prazer pelo somatório de prazeres, pelo acúmulo de prazer nas relações sexuais tem a ver com o conceito capitalista. Então ele faz este alerta, que se as pessoas vão optar pelo poder e pela dominação, as relações vão caminhar para a destruição. Ele não acreditava nisto, mas sabia que, se não mudar, pode vir a ser assim".



# Essa nossa juventude

FOTOS: CAMILLA MAIA / DIVULGAÇÃO

**Contemporâneo e inovador, texto norte-americano mostra 48 horas na vida de três jovens**

Maria Luisa Mendonça pede passagem... Múltipla e versátil, além de traduzir, adaptar, produzir e dirigir a peça *Essa nossa juventude*, em cartaz no Teatro Leblon, a atriz – que ainda está às voltas com uma interminável mudança de casa – abriu espaço na tumultuada agenda para conversar, tarde da noite, com a *Revista Aplauso*, sobre este projeto que inaugura uma nova fase em sua carreira.

"Está sendo uma grande experiência, que me dá uma compreensão, de um outro ângulo, do processo de teatro. Desafia de outra forma. É bacana flutuar em várias áreas da profissão. A Christiane Riera, minha sócia, tinha visto a peça em Londres e queria produzir. Achei o texto tocante, bem escrito, com um foco no público jovem, mas respeitoso e não moralista. O que me encantou é que é um autor que escreve bem para o ator", diz Maria Luísa, ainda saboreando o gosto destes novos papéis que inventou para si mesma, muito além da interpretação.

## Sem moralismos

Escrita pelo americano Kenneth Lonergan – um dos roteiristas do filme *A Máfia no Divã* e também de *Gangues de Nova Iorque* – o espetáculo acompanha 48 horas bem intensas e movimentadas na vida de um trio de jovens que, com todas as contradições pertinentes a esta fase de transição, não sabem muito bem deles mesmos, nem do próprio futuro, num mundo que vende a glória e o dinheiro como atalho para a conquista da felicidade. O pontapé inicial da trama acontece quando um deles rouba dinheiro do próprio pai e, sem saber o que fazer, pede abrigo na casa de um amigo, onde também está a garota por quem é apaixonado.

"O texto aborda, com qualidade, questões como o entupimento familiar, o sexo e as drogas, trazendo a discussão, o diálogo, sem impor regras nem empurrar moralismos. É como se você estivesse olhando pelo buraco da fechadura, vendo esta passagem da vida jovem para a adulta", afirma a diretora, ressaltando que, apesar da temática ser séria, a peça tem humor.

## Sotaque carioca

Depois de seis meses de temporada em São Paulo – onde recebeu duas indicações ao prêmio Shell – a versão carioca da peça recebeu uma boa recauchutada. Por problemas de agenda, não só a cineasta Laís Bodanzky teve que deixar a direção, como todo o elenco acabou sendo substituído. Aqui, além de assumir a direção, Maria Luísa escalou Cauã Reymond e Caio Blat para se revezarem no mesmo personagem, enquanto Simone Spoladore responde pelo papel feminino. Frank Borges completa o triângulo. "Na montagem do Rio, não conseguia fechar um ator só, e acabei fazendo o processo de criação com o Caio e o Cauã, que se infeccionaram – para o bem – na criação. É um personagem filtrado por dois atores, com o olhar de um alimentando o outro e equalizando o personagem. Para isto, tem que ter muita generosidade! O time é bacana e eu acredito na coxia que vai para a cena. O texto vem passando por processos diferentes e, para mim, teatro é isto: vivo, efêmero e sempre em construção", diz Maria Luísa, que até tinha se preparado para dividir a Jéssica com Spoladore, mas, ao menos nesta primeira temporada até dezembro, não vai ser mais preciso.

FOTOS: PAULA KOSSATZ / DIVULGAÇÃO

# A GENTE SE AMA

**Atores de teatro premiados, Alice Borges e Marcelo Saback voltam a contracenar, dirigidos por Flávio Marinho**

Por Simone Melamed

*A gente se ama*, além de ser o nome da peça que acaba de estrear no Teatro Laura Alvim, poderia também, facilmente, ser uma espécie de *slogan* da equipe envolvida com a montagem. E não estamos falando, apenas, do amor à arte. Amigos de longa data, há um bom par de anos que Alice Borges e Marcelo Saback queriam renovar os votos de parceria profissional nos palcos. Agora, a sintonia cênica e pessoal da dupla ganhou uma moldura talhada sob medida, com a adaptação e direção de Flávio Marinho para o texto inédito, por aqui, dos franceses Pierre Palmade e Muriel Robin.

>>

>>

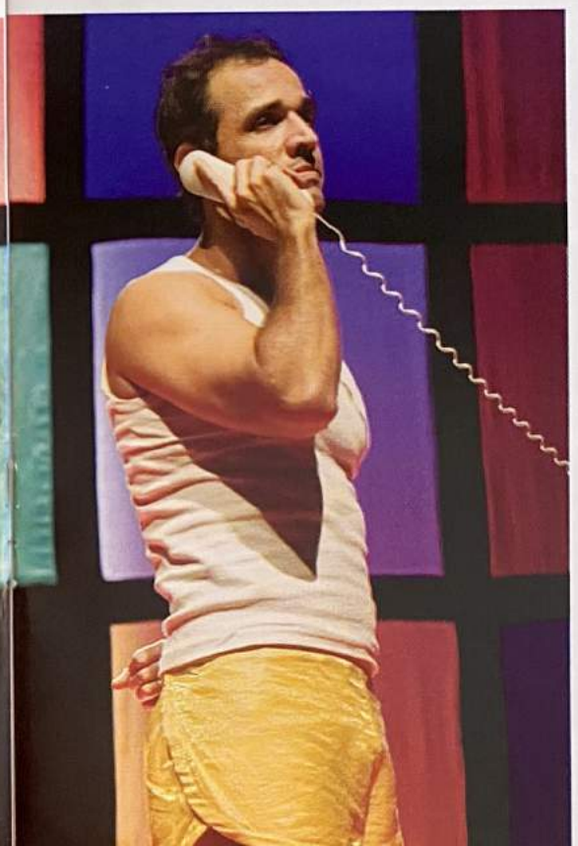
"A peça é uma comemoração e um resgate de encontros. Depois de vários anos, continuamos amigos. Temos que comemorar. Muita gente abandonou a carreira, outros enlouqueceram e nós sobrevivemos. De certa maneira, eu, Flávio e Alice nunca nos separamos, sempre estivemos juntos", comenta Saback, que conheceu o diretor no início da década de 90, quando fazia a performance de *As 10 mais do Córtex Cerebral*, justamente com Alice.

Nos últimos quinze anos, os atores ainda contracenaram algumas vezes, mas foi em 1997 que o trio trabalhou junto, pela primeira vez, na peça *Salve Amizade*, de Marinho. "A Alice e o Marcelo são operários do teatro. É impressionante a sintonia da dupla, desde a primeira leitura do texto. Eles têm um carisma enorme e a mesma freqüência de humor. Neste trabalho, estou homenageando dois grandes comediantes e amigos", declara o diretor Flávio Marinho.

## E tudo termina em funk...

Cenicamente, a homenagem se traduz em 9 esquetes, em que o foco é a relação entre marido e mulher: das dúvidas antes do *sim* no altar às implicâncias cotidianas, como problemas com sogros e a onipresente desconfiança sobre possíveis infidelidades. "A comédia tem um tema batido, mas tem identificação com a platéia. É engraçada do começo ao fim, para o público se divertir mesmo. E não é uma bobagem. Não tem compromisso com uma mensagem, mas tem conteúdo e consistência. É uma peça feita por profissionais do ramo", diz a premiada Alice, definida pelo diretor como "uma atriz muito almodovariana, uma Rossi de Palma brasileira".

Aliás, no melhor estilo Almodóvar, a peça termina com um esquete musical, assinado por Eduardo Dusek, em que a dupla desfila seus dotes artísticos, dançando e cantando em vários ritmos. "No texto original, a cortina fecha no final e o ator francês explica para a platéia que ele não está junto com a fulana. No nosso, o Marcelo também faz isto, e eu entro perguntando o que está acontecendo. Aí, a gente conta que dividiu um apartamento no Vidigal, no final dos anos 80, e nos perguntamos como deveríamos terminar a peça. Aí vem o número musical, que termina com um funk absurdo, em que canto ´sou popozuda, preparada e tô bombando pra danar´", conta Alice, às gargalhadas.



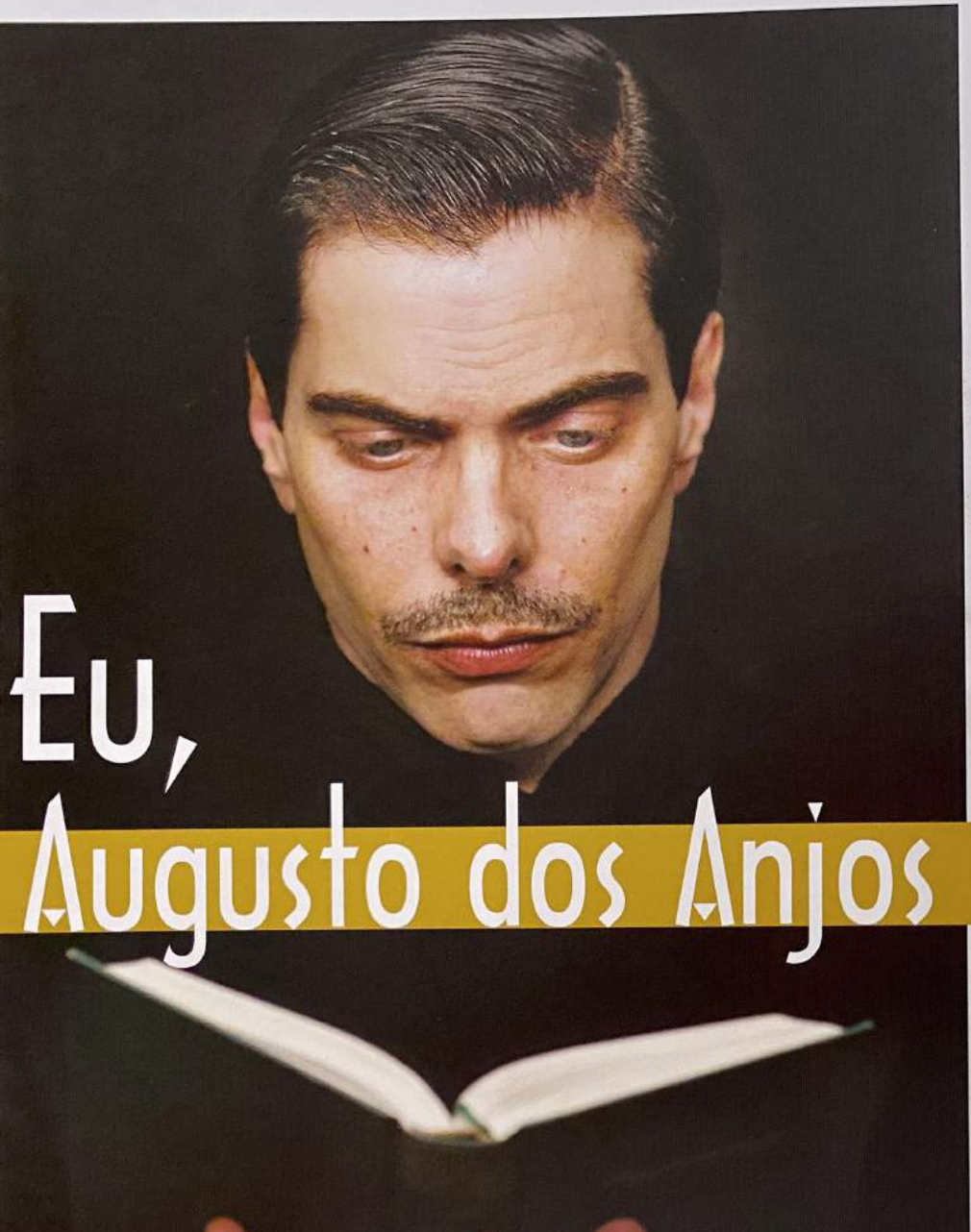
## Cante junto

Trecho da música A gente se ama, composta por Eduardo Dusek

Marcelo:
"Sou um ator tão completo,
pena que ninguém isto vê/
canto, danço, interpreto/
não me consagro não sei porque/
sou um terremoto em cena,
desde criança eu era assim/
por isto eu acho uma pena essas pessoas
que não percebem isto em mim

Alice:
"Não sei porque não fiz um show solo/
com as chances que a vida me deu/
hoje só um pensamento me consola/
ninguém aqui brilha mais do que eu/
pois também sou uma diva brilhante/
como Cacilda, Marília ou Fernandona/
mas inventei de trabalhar com essa gente/
que é sem talento então só reclama

Juntos:
"Mas as platéias que são tinhosas, nos
assistindo vão perceber/
nossa performance é maravilhosa/
o mundo há de reconhecer"



# Eu, Augusto dos Anjos

## Espetáculo na Casa da Gávea dá vida ao primeiro poeta moderno brasileiro

Por Simone Melamed

Dos tempos de escola, costumamos trazer uma enxurrada de informações que, invariavelmente, acabam se depositando no sótão do inconsciente, até que, por um ou outro motivo, sejam chamadas à ativa: dos afluentes do Rio Amazonas à estrutura de um átomo, passando pelas Leis de Newton e os grandes nomes da história da literatura brasileira. Pois chegou o momento de revirar o baú da memória e resgatar a figura de Augusto dos Anjos, o chamado "poeta do mórbido" que, 92 anos depois de sua partida, volta à cena com a montagem de *Eu, Augusto dos Anjos*, em cartaz na Casa da Gávea.

"Eu não sabia nada sobre o Augusto dos Anjos. Não só eu como muita gente. Mas, quando comecei a ler o *Eu*, fiquei enlouquecido com este homem, este poeta. Todo mundo conhece da escola, mas quando você aprofunda e começa a entender, é tão lindo, tão doente e tão poderoso. Para mim, ele é uma figura completamente contemporânea, com todas as suas dores e mazelas. É um absurdo que ele seja daquela época", comenta Luiz Henrique Nogueira, que dá voz ao poeta no espetáculo, contracenando com Vera Fajardo, Rubens De Araújo e mais quatro atores.

Com roteiro e direção de Joaquim Vicente – um apaixonado pela obra do poeta, e que acalenta o projeto desde 2000 – a peça conta a história deste homem, reconhecido como o primeiro poeta moderno brasileiro, e que só teve um livro publicado. Baseada em poemas e cartas de Augusto dos Anjos, a montagem usa a mesma estrutura narrativa de um musical, só que, no lugar de canções, são os poemas que aparecem entre algumas falas, que relembram a precocidade do poeta nordestino, sua vinda para o sul, suas paixões, obsessões e, logicamente, seu tema preferido: a morte.

>>

### Budismo moderno

Poema de Augusto dos Anjos, musicado por Arnaldo Antunes no CD "Ninguém", de 1995

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo:

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

FOTO: DALTON VALÉRIO / DIVULGAÇÃO

## Fotografia

No prefácio que escreveu na reedição de "Eu e Outras Poesias", Orris Soares faz uma descrição física do amigo, que serviu como base para a composição do personagem na peça.

"Magro, de uma magreza esquálida. Faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma crispação de demônio torturado. Nos momentos de investigações suas vistas transmudavam-se rápidas, crescendo, interrogando, teimando. Os cabelos pretos e lisos apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira. A clavícula arqueada na omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante. Os braços pendentes, movimentados pela dança dos dedos. O andar tergiversante, nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro. Esta fisionomia, por onde erravam tons de catástrofes, traia-lhe a psique."

>>

"O Augusto foi o primeiro poeta cientificista e o primeiro poeta ecológico. Li um artigo que comentava como um artista de Cruz do Espírito Santo, em 1910, no interior da Paraíba, teve antena para se conectar com o movimento expressionista alemão, que acontecia na bica da Primeira Guerra. A obra dele, a visão que ele tinha do Brasil e do mundo... Ele era muito antropofágico. Se tivesse sobrevivido à Semana de Arte Moderna, a vida dele teria sido outra. Tanto é que ele morreu na miséria, sem ninguém ter lido. Só sete anos depois é que o Orris Soares, tio-avô do Jô e um grande amigo do Augusto, procurou a mulher dele e pediu os direitos para republicar o livro. Isto foi pós-Semana de 22 e foi um furor. Foi quando o Augusto virou Augusto, virou o que virou".

# não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

## Renato Russo, a peça

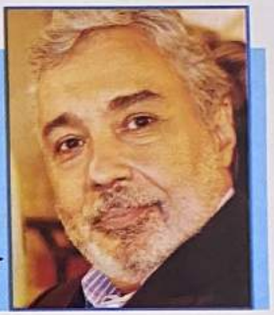
"Primeiro, sou fã do Bruce Gomlevsky, o diretor. Segundo, sou fã do Renato. E terceiro, a obra é muito bem feita, com músicos excepcionais, um trabalho com muita garra e entrega. É gostoso ver este momento tão especial na vida de um ator, ser cúmplice disto, deste mergulho apaixonado numa obra. Está tudo muito redondo e equalizado."

**Vera Holtz, atriz**

## Cora Coralina coração encarnado

"Sou fã da Cora Coralina. Fiquei feliz em ver as atrizes Rafaela Amado, Renata Roriz e Rita Elmor tão bem conduzidas pelo Orã Figueiredo, que já tinha mostrado que era um ótimo comediante e, agora, chega com esta direção tão madura e sensível."

**Pedro Paulo Rangel, ator**



## A alma imoral

"O texto do rabino Bonder é maravilhoso. E a Clarice Niskier arrebenta! Ela, atriz maravilhosa, entendeu com paixão este texto. A gente tem que ver tudo que ela faz!"

**Letícia Sabatella, atriz**

## O autofalante

"Eu indico a peça *O autofalante* porque o Pedro Cardoso é genial! Ainda mais no teatro, sozinho. Vale a pena assistir. Ele é muito bom mesmo!"

**Leandra Leal, atriz**

# em cartaz

peças, horários, teatros e preços

## A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, que traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. R$ 30.

## A GENTE SE AMA

A vida a dois é dissecada em vários esquetes cômicos, passando pela relação com os sogros e a infidelidade. Texto: Pierre Palmade e Muriel Robin. Direção: Flávio Marinho. Com Alice Borges e Marcelo Saback. **Casa de Cultura Laura Alvim/Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2299-5583. Quinta a sábado, 21h. Dom, 20h. Quinta, sexta e domingo, R$ 25. Sábado, R$ 30.

## A MENTIRA

Nesta história inédita nos palcos brasileiros, verdades e mentiras desvelando um enredo de tirar o fôlego. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Caco Coelho. Com Nuno Leal Maia, Denise Del Vecchio, Monique Alfradique e atores do *Circo de Estudos Dramáticos*. **Fluminense Football Club** (Rua Álvaro Chaves, 41 - Laranjeiras). Fone: 2553-7138.

## A RATOEIRA

Clássico da dramaturgia inglesa, com uma trama cheia de mistérios, assinada pela consagrada escritora de gênero policial. Texto: Agatha Christie. Direção: João Fonseca. Com Gabriel Gracindo, Débora Duarte e Tonico Pereira. **Teatro Leblon/Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a domingo, 21h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado, R$ 50. Domingo, R$ 45.

## AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago, no ano em que ele estaria completando 95 anos. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França e Alexandre Dantas. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a domingo, 20h. R$ 25.

## CASADÍSSIMA

Depois de cinco anos em temporada pelo sul do país, a companhia gaúcha traz aos cariocas sua visão humorada das situações que envolvem um casamento. Texto: Renata Peppl. Direção: Tiago Melo. Com a cia *Tem inço na coxia*. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 30. Sábado e domingo, R$ 35.

## CORA CORALINA CORAÇÃO ENCARNADO

Espetáculo teatral criado a partir da obra poética de Cora Coralina, levando o universo da escritora goiana para os palcos. Pesquisa e roteiro: Renata Roriz. Direção: Orã Figueiredo. Com Rita Elmor, Renata Roriz e Rafaela Amado.**Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. Quinta e domingo, R$ 15. Sexta e sábado, R$ 20.

## CURTAS

Esquetes rápidos satirizam a tudo e a todos: da milionária recém-operada à adolescente inconformada. Texto: Samantha Schmutz, André Frazzi e Gustavo Damasceno. Direção: Leandro Hassum. Com Samantha Schmutz. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Sábado e domingo, 20h. R$ 35.

## DE PERTO ELA NÃO É NORMAL

Sozinha no palco, atriz interpreta Maria Lúcia da Silva e as sete mulheres que atravessaram a sua vida. Texto e interpretação: Suzana Pires. Direção: Flávio Rocha. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quarta, 21h. R$ 20.

## E AGORA, O QUE FAÇO COM O PERNIL?

Casal de idosos faz um acerto de contas, depois de toda uma vida juntos. Texto: Regina Helena de Paiva Ramos. Direção: Jacqueline Laurence. Com Rosamaria Murtinho, Mauro Mendonça, Zulma Mercadante e Bruna Di Túlio. **Teatro Leblon/Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R$ 40.

## ESSA NOSSA JUVENTUDE

A peça mostra as 48 horas na vida de três jovens, sufocados por uma cultura com valores calcados no dinheiro e no sucesso. Texto: Kenneth Lonergan. Direção: Maria Luisa Mendonça. Com Caio Blat, Cauã Reymond, Frank Borges, Simone Spoladore e Maria Luisa Mendonça. **Teatro Leblon/Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 23h30. Domingo, 22h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

## EU, AUGUSTO DOS ANJOS

Baseada em poesias e cartas de Augusto dos Anjos, a peça narra a história daquele que é considerado o primeiro poeta moderno brasileiro. Roteiro e direção: Joaquim Vicente. Com Luiz Henrique Nogueira, Leandro Crespo, Vera Fajardo. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Sexta e domingo, R$ 20. Sábado, R$ 30.

## FAZER O QUE?

Com humor e lirismo, a peça acompanha um velho e famoso estilista fazendo um balanço de sua vida, Texto: Miriam Halfim. Direção: Moisés Bitten-

court. Supervisão cênica: Domingos de Oliveira. Com Felipe Wagner e Felipe Cardoso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terça e quarta, 21h. R$ 30.

## INVENTÁRIO – AQUILO QUE SERIA ESQUECIDO SE A GENTE NÃO CONTASSE

Há oito anos trabalhando com crianças hospitalizadas, os palhaços do *Doutores da Alegria* levam algumas das histórias para o palco. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Quarta e quinta.

## JOSÉ, E AGORA?

Espetáculo solo sobre pai de família que é atingido por uma bala perdida ao voltar do trabalho, no dia do seu aniversário. Texto e interpretação: Cadu Fávero. Direção: Leonardo Brício. **Teatro Livre/Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 - Lapa). Fone: 2533-0224. Quinta a domingo, 20h30. R$ 20,00. Nos dias 23, 24 e 25 de novembro não haverá apresentação.

## LEITOR POR HORAS

A literatura serve como espelho para um curioso triângulo de relações entre uma moça cega, seu pai e um homem contratado para ler para ela. Texto: José Sanchis Sinisterra. Direção: Christiane Jatahy. Com Ana Beatriz Nogueira, Sebastião Vasconcelos e Luciano Chirolli. **Teatro Villa-Lobos/ Espaço 3** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h.

## MADEMOISELLE CHANEL

Marília Pêra personifica a estilista que dá nome ao espetáculo, fazendo um balanço da vida daquela que revolucionou a moda do século 20. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Jorge Takla. Com Marília Pêra. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h.R$ 100.

## METEGOL

Unindo circo, dança e teatro, a *Intrépida Trupe* comemora 20 anos, tendo o futebol como tema. Direção: Cláudio Baltar e Renato Linhares. Com a Intrépida Trupe. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 - Lapa). Fone: 2220-5070. Sábado, 19h30. Domingo, 17h e 19h30. R$ 30,00.

## MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.



APLAUSO TEATRO 8 ANOS

## NÃO EXISTEM NÍVEIS SEGUROS PARA CONSUMO DESTAS SUBSTÂNCIAS

Numa repartição pública, seis funcionários tentam dar sentido às suas vidas burocratizadas em todas as áreas. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Tato Consorti. Com Maria Maya Liliana Castro, Xuxa Lopes. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Estudantes, idosos e classe artística pagam meia.

## NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta, sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 50.

## O AUTOFALANTE

Um homem desempregado sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho, com sua personalidade repartindo-se em milhares dele mesmo. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

## O PREGOEIRO

Espetáculo solo onde o ator, com seus 21 anos de experiência como artista popular de rua, instaura a ótica do palhaço, apresentando ao público um "mundo ao contrário". Texto e interpretação: Márcio Libar. **Casa da Gávea** (Pça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Quinta, 21h. R$ 30.

## O SEGREDO SEXUAL DE GLÓRIA

Livremente inspirado no universo de Nelson Rodrigues, a peça conta a história de uma menina, a partir de seus segredos mais íntimos. Texto: Bruno Rodrigues. Com a *Cia Sopro do Ator*. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 231h. R$ 20.

## QUARTETT

Adaptação da famosa obra de Choderlos de Laclos, *As ligações perigosas*. Em cena, dois amantes participam de um jogo de poder e sedução, que os conduz à falência moral e afetiva. Texto: Heiner Müller. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Guilherme Leme. Oi Futuro (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10. A partir de 21 de novembro.

## RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz uma justa homenagem à época de ouro da Rádio Nacional.

# em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira, entre outros. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

## RENATO RUSSO, A PEÇA

Dez anos depois de deixar órfã uma legião de fãs, Renato Russo recebe este tributo, onde sua vida e obra são lembrados, num monólogo acompanhado por uma banda de rock ao vivo. Texto: Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. Com Bruce Gomlevsky. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro). Fone: 3286-8620. De quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R$20,00.

## SACRIFÍCIO DE ANDREI

A intercessão entre a arte teatral e a cinematográfica é levada às últimas conseqüências, nesta montagem que lembra os 20 anos da morte do cineasta russo Andrei Tarkovski. Roteiro e direção: Celina Sodré. Dramaturgia: Daniel Schenker (a partir do roteiro de O Sacrifício, de Andrei Tarkovski). Com Allan Ferral, Carlos Tonelli, Dinah Cesare. **Espaço SESC / Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. A partir de 24 de novembro.

## TERAPIA DO RISO

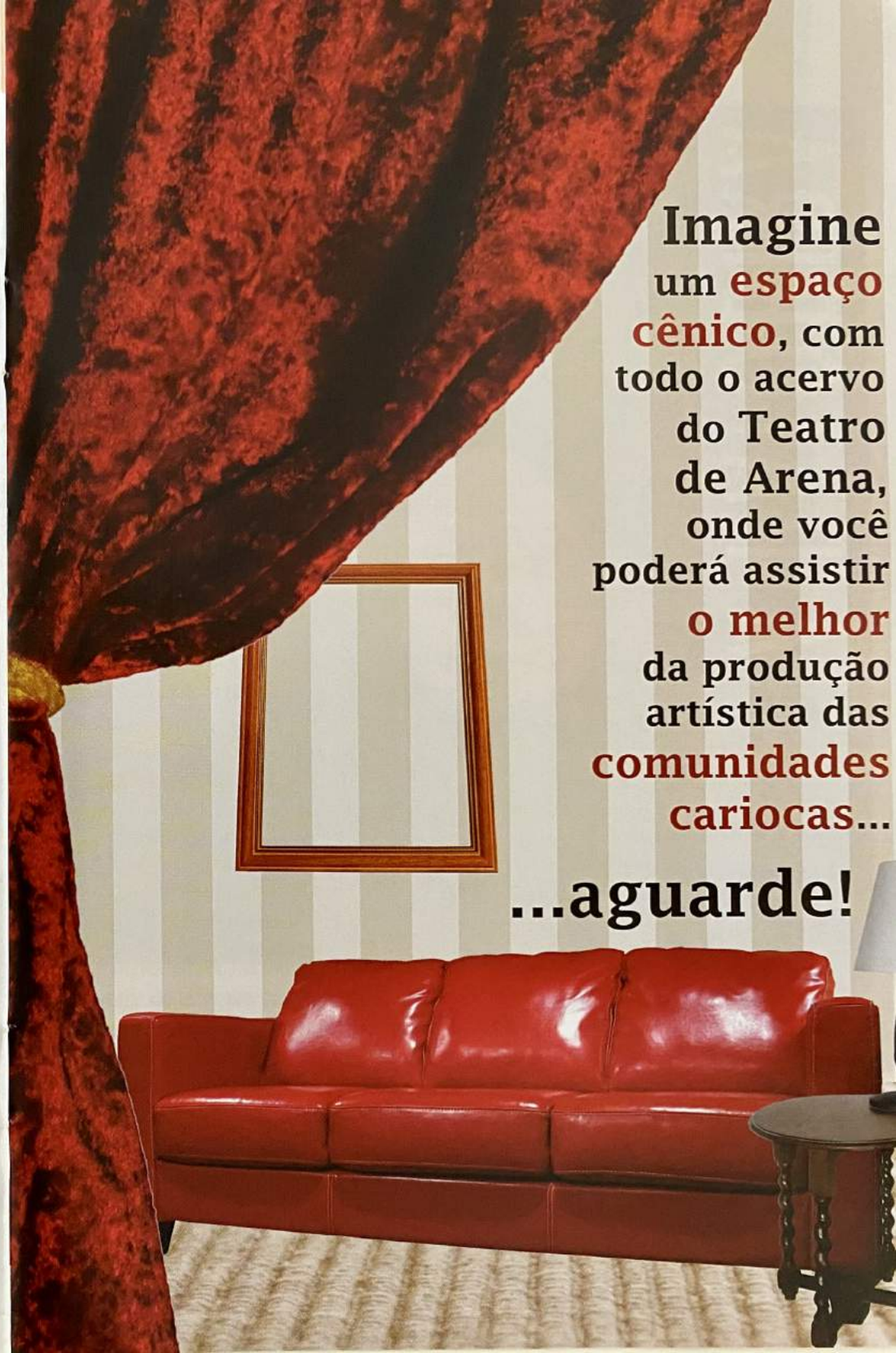
Três atores entram em cena trazendo em malas vários personagens, que vão vestindo ao longo da peça, em transformações à vista do público. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

## TUDO POR VOCÊ

Amor, paixão e companheirismo em um roteiro salpicado de sucessos musicais brasileiros e internacionais. Texto e direção: Edu Mansur. Com Oséas e Camillo Borges. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quarta, 20h. Quinta, 17h. R$ 30. Até 30 de novembro.

## VERSOS DE HOLLANDA II – OUTROS VERSOS, NOVAS CANÇÕES...

Colagem de músicas de Chico Buarque, interpretadas sob a forma de cenas teatrais e esquetes musicais. Direção: Márcio Azevedo. Com Adriana Rodrigues, Juliano Almeida e Nanah Garcia. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R$ 30.

# A RATOEIRA

## Charada teatral de Agatha Christie. De Londres para o Rio

Um turista antenado, que venha ao Rio, pode até descobrir alguns passeios fora do roteiro tradicional, mas existem algumas referências da cidade das quais ninguém consegue – nem deve – escapar, como o Corcovado e o Pão de Açúcar. Agora, se o visitante for se aventurar em Londres, por exemplo, a história já é outra. Além do Big Ben e da troca de guarda no palácio de Buckingham, uma peça já virou atração turística na cidade, por estar em cartaz, ininterruptamente, desde a década de 50. Agora, dispensando o passaporte, a platéia carioca vai poder conferir, de perto, este verdadeiro patrimônio britânico, com a estréia de *A Ratoeira*, no Teatro Leblon.

Escrita pela mestra do gênero policial, *Dame* Agatha Christie, o texto tem todos aqueles ingredientes infalíveis os quais uma boa história de suspense não pode abrir mão: um crime, vários suspeitos, pistas falsas, armadilhas e muito mistério. "Esta coisa do ´quem matou?´ é um grande barato. Até hoje, é um expediente usado nas novelas, com milhões de tramas e possibilidades que deixam o público aguçado, querendo saber quem matou e porque matou. *A ratoeira* surgiu como um esquete de rádio, que é uma das vertentes que influenciou nossas novelas. A Agatha é a rainha do crime, ela arma tudo muito fechadinho. As ações são medidas para que o público nunca descubra quem é o assassino", conta João Fonseca, diretor da montagem, que passeia, pela primeira vez, por este tipo de encenação.

### Encarando o suspense

"Eu tenho muita curiosidade na vida, um gosto para arriscar em todos os estilos e gêneros. Isto me ajuda a crescer, porque me obriga a não me repetir. O que me mobiliza me apavora. Me entusiasma, mas morro de medo, porque o suspense é uma praia em que nunca entrei. Há muito tempo, eu tinha vontade de fazer um suspense policial, que é raro, não se vê muito este tipo de peça em cartaz", comenta o diretor, que está encerrando um ano de trabalho dos mais profícuos: além de ter sido indicado pela quinta vez ao Prêmio Shell de direção por *Escravas do amor*, ainda comemora a escolha de Paulo Gustavo para concorrer na categoria de melhor ator, por seu trabalho em *Minha mãe é uma peça*, espetáculo dirigido por Fonseca.

Mas, voltando à premiada Rainha do Crime, o engenhoso enredo é montado a partir de dois jovens que herdam um casarão perto de Londres, onde abrem uma pensão. Os hóspedes vão chegando – cada um mais estranho do que o outro – e a neve não pára de cair. Por conta do mau tempo, todos ficam presos no hotel, onde – adivinhe? - acontece um assassinato. Como ninguém entrou nem saiu, o autor do delito é alguém que está lá dentro e mais não se pode contar, para não estragar a brincadeira, levada muito a sério, aliás, por um elenco de primeira, que mistura a nova geração com atores do calibre de Tonico Pereira, Débora Duarte e Dudu Sandroni.

### Só recordes

**Um fenômeno como nunca se viu no meio teatral. A ratoeira é um recorde na história da dramaturgia mundial: já foi vista por mais de 10 milhões de pessoas. A estréia foi em 1952, no Ambassadors Theatre. Duas décadas depois, a montagem foi transferida para o teatro Saint Martin, onde, até agora, já foram realizadas mais de 18 mil apresentações. O espetáculo ainda conta com outras proezas, como David Raven, o ator mais duradouro num papel, com 4.575 representações como o major Metcalfe. Recentemente, os sobreviventes do elenco original se reuniram para festejar o trigésimo aniversário da peça no mesmo teatro.**

FOTO: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

# Sacrifício de Andrei

## No palco da Sala Multiuso do Espaço SESC, peça de Tarkovski celebra o casamento entre o cinema e o teatro

Por Simone Melamed

Com fronteiras cada vez mais tênues, a produção artística contemporânea vem rompendo com rótulos pré-estabelecidos, fazendo da integração de gêneros uma realidade. Neste expandir de horizontes, multimídia parece ser a palavra do momento. Assim, temos a dança com um pé no teatro, o teatro de braços dados com o documentário e, agora, o antigo flerte entre cinema e teatro vira compromisso sério, com a estréia da peça *Sacrifício de Andrei*, a partir do dia 24 de novembro, na Sala Multiuso do Espaço SESC, Copacabana.

"Venho pesquisando esta conjunção do teatro com o cinema há algum tempo. Já tinha feito uma série de experiências em outras peças e isto sempre me interessou. Agora, resolvi mergulhar completamente. O filme está passando lá, quase inteiro, e ele se projeta sobre os atores. Tem o filme e o filme ao vivo. É tudo duplicado, como se fossem 16 atores em cena: os meus oito e os oito do filme do Andrei Tarkovski. Como se o filme *O Sacrifício* fosse um espírito que reencarnasse no Brasil. É muito instigante: às vezes o filme sobressai, às vezes quase some, às vezes os dois estão em diálogo. É uma língua nova que estamos experimentando e aprendendo a falar", explica Celina Sodré, diretora do espetáculo, que celebra os quinze anos de atividades da companhia *Studio Stanislavski*.

### Artesão cuidadoso

O cineasta russo Andrei Tarkovski foi o escolhido para as comemorações do grupo, no ano em que se completa duas décadas desde a sua morte e, também, do lançamento de seu último filme, *O Sacrifício*. Apesar de pouco conhecido no Brasil – só agora sua obra pode ser integralmente conferida, com o lançamento de seus filmes numa caixa de DVDs – em 26 anos de carreira, o diretor esteve à frente de nove filmes, que ele cuidou como um meticuloso artesão. O diretor costumava comparar o seu trabalho ao de um escultor, como declarou em seu livro de reflexões *Esculpir o Tempo*, "guiado pela visão interior de sua futura obra, elimina tudo o que não faz parte dela".

"Eu sou completamente discípula do Tarkovski, desde que vi pela primeira vez, em 1988, na Itália. Desde essa época, tem sido muito importante ver o cinema dele, que se tornou a fonte de onde venho bebendo sempre. É um cinema de transcendência, como o do cineasta sueco Ingmar Bergman, que foi seu discípulo. Esta potência espiritual da arte, a possibilidade da arte de promover a transcendência para o ser humano, tudo isto é muito forte pra mim e tem o efeito pessoal de me fazer refletir, profundamente, a respeito desta questão", comenta Celina, ressaltando a contraposição deste tipo de proposta com o que a cultura de massa, ligada à indústria e ao dinheiro, costuma oferecer.

### O filme

Com a colaboração de Luiz Carlos Prestes Filho – cineasta formado pela mesma escola onde Tarkovski se graduou – a dramaturgia da peça ficou a cargo de Daniel Schenker, e foi elaborada a partir do roteiro original do filme e de depoimentos do próprio diretor, que constam do making of de "O Sacrifício". A tradução cênica disto é que, além de contracenar com os atores do filme, criando uma espécie de superposição, o elenco também se relaciona com a figura de Tarkovski, personagem que aparece como narrador/autor. Filmado no exílio, em 1986, "O sacrifício" aborda a história de uma família sueca que, durante a festa de aniversário do patriarca, vê anunciada na televisão a iminência de uma catástrofe nuclear. A partir daí, a angústia, o desespero e o sacrifício pessoal de um personagem viram os protagonistas da trama.

FOTOS: RODRIGO CASTRO / DIVULGAÇÃO

Tônia Carreiro e Sérgio Britto na peça "Quartett", 1986

Colecione os últimos 8 anos de teatro

Assine Aplauso!

Assinatura semestral
R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações
Tel.: (21) 2239-1163
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Coleção completa de Aplauso por R$ 78! Edições de 1 a 78

BR PETROBRAS apresenta
CIA APLAUSO em
Amazônia
Direção artística de Cininha de Paula
Dia 01/12 às 21 hs
Teatro Sérgio Porto
Rua Humaitá, 163 - Botafogo - Rio de Janeiro
Apresentações também nos dias
2, 3, 8, 9, 10, 15, 16 e 17 de dezembro
Patrocínio
BR PETROBRAS
Apoio
GANZÁ APLAUSO RIO
INSTITUTO STIMULU BRASIL
RIO PREFEITURA
APLAUSO REVISTA